

MEMES SOBRE O PROFESSOR: A SUBJETIVIDADE DOCENTE ATRAVESSADA PELO HUMOR

MEMES ABOUT THE TEACHER: TEACHER SUBJECTIVITY CROSSED BY HUMOR

Adéli Bortolon Bazza ¹
Caio Willians de Lirio Vicente ²

Resumo: Nesta pesquisa, propôs-se investigar discursos humorísticos que circulam em redes sociais a respeito do ensino escolar, com foco na figura do professor. A partir de uma perspectiva de análise de discursos foucaultiana, foi constituída uma série enunciativa, composta por memes de redes sociais como *Facebook* e *Pinterest*, a fim de descrever o(s) discursos(s) sobre ensino, neles materializados. Para tanto, foram mobilizados conceitos como discurso, arqueogenealogia, enunciado, objetivação, saber e poder. A análise mostrou que o aparecimento de um meme implica em uma atualização das redes de memória a ele vinculadas. No caso específico dos memes que versam sobre o professor, sua função discursiva foi denunciar as condições de trabalho desse sujeito. Operando com os dispositivos midiático e fílmico, eles tematizam sobre as disparidades salariais entre profissionais docentes, retomando, pela via do humor, redes de memória engendradas pelas relações de poder e as investindo de novos significados.

Palavras-chave: discurso; humor; subjetividade docente.

Abstract: This work seeks to analyze the teacher subjectivity constructed and conveyed in different fields of society, such as the academic field, the journalistic and the media fields. Based on the assumptions of foucauldian discursive analysis and others researchers related to him, we seek to select enunciative series composed by official documents, books, papers, news, reports, law texts, open letters and social media posts that talk about the teachers. Among the vast foucauldian conceptual field, we mobilized the concepts of discourse, statement, subject position, power, device and subjectivity. We hope that these analysis show the knowledge fields which act in teacher's subjectivity constitution, the power relations they establish with each other and how these relations explain the diversity of teacher subjectivities in circulation.

Keywords: discourse; humor; teacher subjectivity.

Introdução

Compreendida como um dos elementos que compõem a vida social, a escola (seus sujeitos, seus saberes e suas práticas) altera-se e se reorganiza em uma relação intrínseca com as

¹ Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (2004), mestrado em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (2009) e doutorado na mesma instituição (2016). Atualmente, é professora no Curso de Letras da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), participa do Grupo Interinstitucional de Estudos Foucaultianos GIEF-UEM e do Grupo de Estudos de Língua Literatura e Ensino (GELLE - UNESPAR). adelibazza@hotmail.com.

² Graduado em Letras - Português/Inglês pela Universidade Estadual do Paraná, campus de Campo Mourão (2022). Pós-graduando em Ensino e Gramática: a interação entre a visão gramatical e as abordagens contemporâneas (CEGRAE/UFMG). Participa do grupo de pesquisa Práticas Discursivas na Escola (PRADIS - UNESPAR). cvicente1513@gmail.com.

transformações sociais. Desde o advento das tecnologias de informação e comunicação, nos anos 1990, a sociedade sofreu profundas modificações no que concerne aos modos como se organizou quanto aos modos de produzir e gerir o saber. Tais alterações reverberaram na vida escolar, implicando em várias reformulações e deslocamentos, tanto nas teorias científicas de embasamento educacional, quanto nas práticas docentes. As diversas alterações no ambiente escolar produziram diferentes formas de subjetivação do docente. Entre elas, figuram “tia”, técnico, facilitador, educador, comunista/esquerdista, etc.

Este estudo teve como recorte a subjetividade docente, concebida como um fato de discurso e, portanto, atravessada por questões históricas (cf. BAZZA, 2022). Tal investigação volta-se aos discursos que circularam em redes sociais, a respeito do professor e do ensino escolar, com base em textos humorísticos. A preferência por esse gênero deve-se à alta frequência com que é replicado, o que possibilitou a emergência de enunciados sobre o professor e a escola e uma intensa circulação para eles. Para tanto, foram selecionados sete memes: “Sou uma professora rica”, “*Pay teachers more Money*”, “E o salário ó!”, “Professor conectado”, “Saudade, minha filha”, “Mas você só dá aulas?” e “Todos pela educação”, que circularam entre os anos de 2016 e 2021, nas redes sociais *Facebook* e *Pinterest*. A série enunciativa composta foi analisada a partir dos pressupostos dos estudos discursivos foucaultianos (FOUCAULT, 1997; 1999; 2002; 2005; 2008; 2014), alinhados aos estudos sobre humor (BAZZA, 2009; POSSENTI, 2000; TRAVAGLIA, 1990), com destaque para os conceitos de discurso, poder, sujeito, verdade e memória. Tal caminho visa a descrever as subjetividades docentes postas em circulação, nesse espaço social e discursivo, como parte de uma discussão maior a respeito dos processos de subjetivação do docente, na atualidade.

1 O meme como recurso discursivo

O termo ‘meme’ tem sua circulação, inicialmente, ligada a um campo de pesquisas biológicas. Para a memética, o meme é concebido como um ‘organismo’ cuja propriedade replicadora, semelhante ao gene, possibilitaria averiguar como se dava o processo de transmissão da herança cultural entre sujeitos que compartilhavam entre si um conjunto de valores políticos, morais, sociais e econômicos. Pensando nisso, o biólogo neodarwinista Richard Dawkins advoga que, como os genes se replicariam hereditariamente, os memes, de modo semelhante, se replicariam ‘saltando de cabeça a cabeça’.

A atual configuração do gênero meme decorre de uma virada sociopolítica, vinculada ao desenvolvimento dos meios de comunicação de massa no Brasil, em meados dos anos 1990. Atualmente, contando com uma ampla circulação, eles operam como importantes difusores de valorações dissonantes, pois, muitas vezes, manifestam posicionamentos opostos àqueles cristalizados pelas relações de poder pré-estabelecidas.

De acordo com Rocha (2020, p. 30),

Na cultura midiática, o meme está associado a tudo que viraliza nas redes sociais, ou seja, algo que é divulgado e compartilhado entre grande número de pessoas. Ademais, no contexto de hipermodernidade e o uso da internet como forte meio de comunicação, veio à tona a possibilidade de qualquer indivíduo ler e produzir conteúdo e, com isso, propicia-se maior interatividade entre os usuários da rede para que possam se posicionar mais, inclusive sobre temáticas educacionais.

Essa forma específica de circulação possibilita a sua replicação e, em termos discursivos, abre condições para a remanência e atualização de enunciados. Desse modo, consideramos que, a partir da série enunciativa constituída, será possível descrever as formas de objetivação do ensino nas redes sociais, bem como investigar posicionamentos, memórias associadas, jogos de saber e de

poder (cf. FOUCAULT, 1997; 1999; 2002; 2014) que fazem com que determinada forma de ensinar e de aprender seja desejável ou risível.

A capacidade do meme de subverter a ordem social justifica-se pela natureza humorística caracterizadora desse tipo de texto. Nos últimos anos, o humor passou a veicular diversos sentidos que nem sempre supõem sua relação com o riso. Isso fez com que fosse estudado sob o prisma de diversos campos do saber, tais como: a sociologia, com Bergson (1983), a psicanálise, com Freud (1959), e também pelo prisma linguístico, cujo principal expoente dessas pesquisas é Possenti (2000). Destarte, as diferenças teóricas e de método, parece haver um consenso entre esses estudiosos quanto à natureza social do humor. Esse atributo é justificado em virtude do modo como os sujeitos, valendo-se dele, subvertem a ordem social instituída pelas disputas de poder.

Além da abrangência social do humor, é notória sua capacidade de abordar temas controversos. Parece haver uma moratória social que permite que, por meio do humor, se trate de temas e/ou que se assumam posicionamentos socialmente polêmicos sem que as pessoas sejam punidas pelos gracejos que produzem. Isso possibilita que o humor se constitua, em nossa sociedade, como um lugar de contestação de valores/autoridades/ideias etc. sem que quem dele participe sofra alguma sanção (BAZZA, 2009, p. 23)

Neste trabalho, especificamente, interessa-nos como o humor é compreendido pela via da linguagem. Para tanto, lançamos mão dos postulados de Possenti (2000), cujo estudo é dedicado à análise dos efeitos de sentido produzidos por piadas, segundo a composição linguística delas. Partindo do pressuposto de que, a partir linguagem, investimos de significados a realidade que nos circunda, ela está implicada no efeito de comicidade produzido pelo discurso humorístico. Tal efeito depende, em princípio, da ação do autor sobre a linguagem, e de um interlocutor que participe ativamente como coautor no processo de produção dos sentidos, de modo que se compreenda o humor “[...] como um texto que possibilita, ao menos, duas leituras. Essas possibilidades de leitura seriam inferidas pelo leitor e ocorrem devido à presença de um elemento linguístico de caráter ambivalente que permita a relação entre uma possibilidade e outra” (BAZZA, 2009, p. 28). Traçando uma relação entre esses percursos de leitura e os discursos materializados, pode-se concluir que as subjetividades docentes vão sendo construídas, nos memes analisados, ao passo que incidem sobre o sujeito formas de controle que regem sua atividade produtiva, visando a regulamentar suas práticas discursivas, com base em um poder disciplinar, à luz de positivities específicas.

Foucault (2008) propõe investigar a história por meio de um conjunto de conceitos e procedimentos conhecido como método arqueogenalógico, que consiste na reunião de discursos que guardam relações entre si e constituem uma cadeia à luz de critérios de formulação específicos. Nesse método, uma noção bastante produtiva é a de enunciado, compreendido como a unidade elementar do discurso e uma função de existência.

Para Foucault (2010, p. 242), “é o conjunto das práticas discursivas e não discursivas que faz alguma coisa entrar no jogo do verdadeiro e do falso e o constitui como objeto para o pensamento (seja sob a forma da reflexão moral, do conhecimento científico, da análise política etc.)”. Desse modo, as práticas discursivas determinam as objetivações que têm condição de possibilidade em uma determinada realidade. Sobre as implicações metodológicas dessa visada, Veyne (1998, p. 243) afirma que “é preciso desviar os olhos dos objetos naturais para perceber uma certa prática, muito bem datada, que os objetivou sob um aspecto datado como ela”. Dessa forma, é possível argumentar que não há “o professor” como uma subjetividade perene, através dos tempos e dos espaços brasileiros; mas o objeto de discurso professor, que as práticas discursivas específicas de cada dispositivo, em cada momento histórico, constituem.

A partir de uma perspectiva calcada nos pressupostos foucaultianos, assume-se que o discurso é a prática que forma os objetos de fala (FOUCAULT, 2008). Nesse sentido, o próprio discurso sobre o professor é consequência de um conjunto de práticas que atuam para que esse profissional seja discursivizado assim. É esse olhar que possibilita à análise discursiva distinguir acontecimentos, como a emergência de novas subjetividades, dos quais destacamos a subjetividade de docentes.

Tanto as práticas, quanto seu resultado – os objetos de discurso –, não são livres. Elas sofrem coerções das relações de poder. O poder figura como um conceito essencial no construto teórico foucaultiano. Diferentemente de outras teorias, em que o poder é visto como um objeto natural e como uma ação centralizada, Foucault o compreende como uma prática social historicamente constituída e pulverizada. Para além de ações de poder de um Estado, Machado (1979, p. 11) explica que, na visão do filósofo francês, “o que aparece como evidente é a existência de formas de exercício do poder diferentes do Estado, a ele articuladas de maneiras variadas e que são indispensáveis inclusive a sua sustentação e atuação eficaz”. Para além desse exercício de poder governamental, que é mais evidente, Foucault propõe que se pense nas relações de poder presentes desde o mais íntimo e cotidiano das pessoas, como os poderes exercidos nas famílias, nas relações de amizades, na vivência das pequenas organizações sociais e também nesses grandes órgãos de governo da vida. Essa teia de relações discursivas se materializa nos memes, ora analisados, definindo um discurso específico e datado a respeito dos professores e da docência. Apesar de atual, esse discurso opera a partir de memórias acerca desse tema, em relações de retomadas, de rupturas e de subversões humorísticas.

O conceito de memória corresponde ao atravessamento entre discurso e história, no processo de constituição da identidade dos sujeitos. Essa reciprocidade entre as instâncias coloca em suspenso uma das características do enunciado enquanto entidade portadora de sentido, a saber: a sua materialidade repetível. Considerando a propriedade replicadora intrínseca dos memes, o surgimento de um novo meme sobre o professor leva à atualização de uma memória sobre esse sujeito, investindo-a de novos saberes, descolando seu lugar na teia de relações que a une a outros semelhantes. A esse movimento de retomada denomina-se remanência do enunciado.

A sedimentação da memória depende do valor de verdade desta em relação às condições que implicam em seu aparecimento. Desse modo, pode-se supor que ela estará sempre assentada em redes de poder, pois, como afirma Machado (1979) o poder é historicizado. O que se tem, portanto, são formas díspares de poder, isso significa que ele está circunscrito no âmbito das micropáticas. Da mesma forma, a verdade, de base sempre institucional, assim o é, porque segue “[...] certas regras ditadas por um corpo social, histórico e anônimo” (GREGOLIN, 2016, p. 4). A memória discursiva, na concepção foucaultiana, é definida a partir da relação entre o saber e a história, de modo que, a cada vez que um meme retoma uma memória, está retomando, ao mesmo tempo, uma subjetividade docente engendrada por esta rede de memória, que se constrói no liame das relações entre saber e poder. Sobre isso, Gregolin aponta que (2016, p. 11): “talvez o mais importante aspecto dessa novidade teórica seja o fato de Foucault ter historicizado o poder, isto é, mostrado que ele tem história e, portanto, modifica-se conforme as transformações históricas.”

Nesse bojo, os memes se constituem em discurso, pois supõem uma rede de memória, ao mesmo tempo em que relações de poder regulamentam seu funcionamento. Shifman *apud* Silva; Peres (2018, p. 95), discorre sobre o funcionamento do meme, explicando sua constituição a partir do atravessamento de relações de poder à memória a ele subjacente e defendendo que “[...] eles moldam pensamentos, formas de comportamento e ações de grupo sociais”. Tendo em vista esse arcabouço teórico-metodológico, os memes que compõem a série enunciativa analisada foram coletados no período entre abril e julho de 2021, nas redes *Facebook* e *Pinterest*. O recorte por tais redes se deve à possibilidade de seus assinantes compartilharem as mídias presentes nessas redes

sociais para outros espaços, aumentando, assim, a quantidade de compartilhamento e acesso das mesmas. Para isso, foi usada a ferramenta de buscas do Google.

2 A discursivização do professor em memes

A partir de agora, passamos à análise da série enunciativa coletada, a fim de verificar, sobretudo, as discontinuidades e regularidades existentes entre os memes, e de modo que, ao final desta seção, os aspectos abordados referentes às possibilidades de interpretação de cada um deles, bem como as relações de poder-saber que os legitimam sejam apreendidas globalmente.

1) Sou uma professora rica!



Fonte: Pinterest.

2) Pay teachers more money!



Fonte: Facebook, 2019.

3) E o salário, ó!?



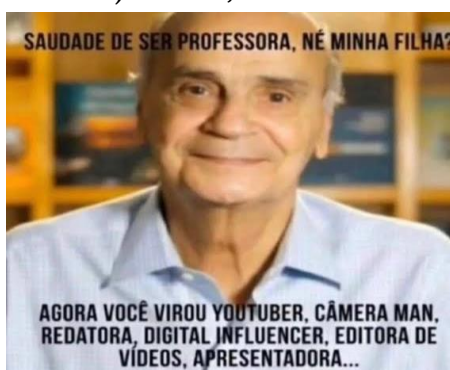
Fonte: Facebook, 2021.

4) Professor conectado



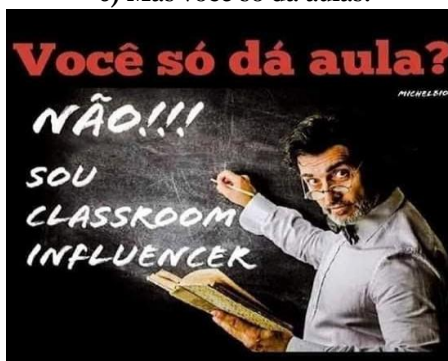
Fonte: Facebook, 2020.

5) Saudade, minha filha



Fonte: Pinterest.

6) Mas você só dá aulas?



Fonte: Facebook, 2020.

7) Todos pela educação



Fonte: Facebook, 2020.

No primeiro meme, tem-se discursivizada a subjetividade do professor bem remunerado, pelo uso do adjetivo 'rica', na composição da linguagem verbal do texto, o que significa que o meme em questão ironiza o fato de o professor ser considerado rico, apesar da política de contenção de gastos em execução pelo governo federal. Dessa forma, a construção dessa subjetividade docente é produzida em relação com o dispositivo governamental Portal da Transparência, que regula e divulga os pagamentos de servidores públicos. Em termos de memórias, nem sempre o fazer docente esteve associado à desvalorização que caracteriza a profissão desde os últimos cinquenta anos, pois ela é sintomática do processo de implementação da indústria no país, que se estendeu por toda a década de 1960. Esse processo altera significativamente os modos de organização da sociedade, porque alarga o horizonte das possibilidades de inserção dos sujeitos no mercado de trabalho em ascensão, ao mesmo tempo em que altera a estrutura física das cidades, a cujo processo de formação estão implicados intensos fluxos migratórios da população que rumava à cidade, para servir de mão de obra à indústria. A escola, e mais especificamente o ensino, passam, então, por um processo de revisão de suas finalidades, no sentido de conformarem-se ao contexto à época. Outra memória que se mistura a essa: uma cena icônica de novela, na qual uma personagem afirma ser rica. O confronto entre as duas memórias cria o efeito humorístico do meme a partir do absurdo da afirmação (Cf. Freud, 1959 e Possenti, 2000). Trata-se justamente do contrário: atualmente, o professor é mal remunerado e perdeu poder aquisitivo. Apesar de apresentar o problema de forma risível, tem-se uma face negativa da subjetividade docente.

No meme 2, o humor é produzido em função da diferença entre a seriedade requerida pela situação e a resposta dada por Joãozinho à professora. Isso retoma a visão bergsoniana de que o riso surge da rigidez que impede alguém de executar o esperado. Por isso, a sinceridade infantil em momentos nos quais a verdade não é desejável é mote de diversas piadas na cultura popular brasileira. Ao lado da imagem, vemos outra, na qual se nota um soldado em posição de defesa e armado. A dimensão verbal dessa imagem é constituída dos dizeres *The moral of breaking bad* e *Pay teachers more money*. Em termos de memórias, é possível resgatar o conhecimento do senso comum de que o professor é mal pago, bem como posições contraditórias da sociedade em relação a esse fato. A imagem da esquerda mobiliza a memória de que muitos alunos/pais de alunos afirmam pagar o salário do professor, como forma de constrangimento; enquanto a imagem da direita mobiliza a memória de um personagem da série *Breaking Bad* em posição ambivalente: "fragilmente" vestido de cuecas e "ameaçadoramente" com arma em punho. O arco narrativo básico desse personagem é marcado por sua radical transformação, de pacato professor de química para fabricante de drogas, envolvido mais ou menos diretamente em inúmeras atrocidades. Assim, a princípio, o meme, em uma analogia hiperbólica, fala dos impactos negativos (arma/ameaça) da falta de dignidade da vida do professor.

O funcionamento da sala de aula é organizado por políticas públicas que operam o dispositivo escolar, no qual o professor é o avaliador contínuo do aprendizado dos alunos. Além disso, esse dispositivo imbrica outras posições de sujeito tais como: as Secretarias de Estado da Educação, a comunidade escolar e a comunidade externa. As formações discursivas constituídas pelos enunciados produzidos por cada um desses sujeitos engendram redes de memória negativas em relação à remuneração desproporcional recebida pelos professores e professoras, quando comparada à jornada de trabalho docente.

Do mesmo contexto, erige *E o salário, ó!?*, que parodia o famoso programa televisivo Escolinha do professor Raimundo, cujo bordão dá nome ao meme. Tal enunciado remete à memória da sala de aula de Raimundo, na qual os alunos são convocados pelo professor a responderem perguntas sobre os conhecimentos. Entretanto, apenas o aluno Ptolomeu responde corretamente às perguntas feitas. Em um diálogo direto com os espectadores, a julgar pelo seu gestual e expressões faciais – de estar sempre sentado e em contato visual direto com a câmera, o professor enuncia o bordão que o tornou conhecido. Por outro lado, ao se substituir o rosto do

personagem do humorista Chico Anísio pelo de Bolsonaro, ocorre a responsabilização desse sujeito pelos baixos salários pagos aos docentes. Frente a esse fato, os professores mostram-se desmotivados, tendo em vista as condições precárias dos instrumentos de que dispõem para atender ao alto contingente de alunos por salas de aula. Essa interpretação é corroborada pelo título de uma notícia veiculada pelo jornal Folha de São Paulo em 21 de fevereiro de 2021, que remonta à redução do repasse de verbas destinadas à educação. O risível do programa, se constituía a partir da rigidez inesperada e a ser corrigida nos alunos- a falta de aprendizagem, bem como do absurdo a ser criticado e corrigido em relação à remuneração do docente (E o salário, ó!). Esse enunciado, que já é humorístico em sua manifestação inicial, serve de uma das linhas de leitura para a ambiguidade construída no meme.

Observa-se, portanto, a objetivação de professor como um profissional mal remunerado. Esse discurso é produzido no imbricamento de práticas entre o dispositivo político governamental (alusão ao MEC e ao presidente), o jornalístico (alusão à matéria sobre os cortes de verbas) e o televisivo-humorístico (alusão à Escolinha do Professor Raimundo). A presença deste último desloca a seriedade do referente e causa o estranhamento responsável pelo efeito humorístico do meme.

No meme 4, está representado um rolo de papel higiênico, aludindo ao acúmulo de tarefas decorrente da pandemia, em que o professor assumira função de mãe, pai, dono de casa. Consecutivamente, erige o discurso segundo o qual estando o professor incumbido de tarefas como: cuidar da casa, dos filhos lecionar, não lhe sobra tempo nem mesmo para ir ao banheiro. Em termos de memórias, é retomado o fato de os professores, pela dinâmica de organização de boa parte das instituições de ensino, realizarem tarefas em casa, como estudos, preparação de aulas, correções etc. Essa memória é reforçada pelo contexto de pandemia, em que os trabalhos passaram a ser integralmente remotos e feitos da casa de cada professor. A respeito disso, instaurou-se a polêmica: muitos interpretavam o ensino remoto como ‘não haver aulas’ e consideravam que os professores estavam sem trabalhar, enquanto isso, os docentes relatavam acúmulo de trabalho, seja pela excepcionalidade do contexto, seja pela diluição do limite de horário para atendimento de demandas de trabalho.

Esse discurso, visto como acontecimento, se relaciona a outros, constituindo, assim, uma formação discursiva, no seio da qual é possível descrever enunciados sobre o professor. Um exemplo é a declaração proferida pelo então ministro da educação, no ano de 2020, quando se enfrentava o pico da Pandemia por COVID-19 no país e professores de todo o Brasil tiveram de lecionar em regime emergencial. Segundo ele, “Hoje, ser um professor é ter quase que uma declaração de que a pessoa não conseguiu fazer outra coisa” (GRABOWSKI, 2020). Ao relacionar o meme 4 com essa fala, evidencia-se uma:

[...] regularidade enunciativa de padrões de comportamento em relação à imagem construída sobre o mesmo, no que tange a representações da sua personalidade e da sua prática docente. Essa imagem de si é construída a partir de um coletivo cristalizado enquanto um rótulo, uma representação [...] da imagem do professor no meio social (FRANÇA; VIEIRA, 2019, p. 6).

O humor presente nesse meme decorre do uso da imagem que remete à questão escatológica para demonstrar de forma risível a carga horária absurda que os professores cumpriram no período pandêmico.

A materialidade não-verbal do meme 5 mostra a imagem do médico doutor Dráuzio Varella, famoso por sua participação no quadro Show da Vida, exibido pelo programa dominical Fantástico, no qual ele entrevistava s marginalizados. Ao lançar mão da expressão “minha filha”, o autor do meme remete o interlocutor à matéria exibida pelo quadro em 2020, em que o doutor entrevistou uma travesti em reclusão e verbalizou esse vocativo. Dessa forma, o humor se confirma

pelas diferentes escadas semânticas agregadas à expressão, podendo variar entre o afeto de uma mãe ou pai perante a situação de um filho, o modo de uma senhora se referir a uma jovem, bem como pode materializar empatia e até mesmo depreciação do médico frente à condição da jovem no momento. Esse meme faz emergir, portanto, um discurso que costura relações entre o dispositivo governamental que gere o ensino do país e a mídia televisiva, em um processo de subversão que gera o humor.

A julgar cada um desses enunciados como possibilidades de leitura, a constatação de que o docente é colocado como referente dos enunciados selecionados delimita as possibilidades de leitura, justamente porque os discursos acerca desse sujeito fazem erigir uma memória sobre o trabalho docente segundo a qual o ensino passa por uma simplificação. Essa interpretação coloca em evidência a crítica feita pelo autor do meme ao acúmulo de tarefas no contexto de ensino emergencial remoto.

O meme 6 tematiza o trabalho docente na atual conjuntura histórica. A primeira fala integra redes de memória que refletem o senso comum de relacionar a prática de ensinar do professor apenas ao contexto da sala de aula, o que implicará no apagamento dos momentos de atividade anterior e posterior à aula, que também são integrantes dos processos desenvolvidos nesse ambiente. Consequentemente, têm-se a simplificação do fazer docente. O humor, no meme, é provocado pela resposta dada pelo professor à provocação feita. Ele ironiza esse modo de compreender o ensino, bem como rememora o discurso de que antes da pandemia, os professores não dominavam a tecnologia. Contudo, após o advento das tecnologias da informação, passaram a dominá-las. Isso leva a crer que o domínio do aparato tecnológico é condição para o planejamento das aulas.

No que compete às incumbências do professor, a mais significativa alteração ocorreu no plano metodológico. Devido ao alto contingente de alunos falantes de uma variedade linguística diversa da norma culta e o número insuficiente de professores para atender a essa demanda, os livros didáticos atuavam como instrumentos ideológicos que traziam no bojo de suas concepções uma proposta de que a educação estava a serviço do trabalho, corporificada nos modelos de exercícios pautados em estímulo e resposta para se chegar à internalização. Os livros didáticos, porém, deixaram uma lacuna no ensino, que, segundo Bagno (2007), fora ocasionada pelo decréscimo qualitativo decorrente da falta de professores e o investimento numa formação acrílica dos sujeitos.

Nesse contexto, as formações discursivas comuns do dispositivo governamental e docentes confrontam-se diretamente, tendo em vista a instituição de suas premissas como legítimas. Linguisticamente, o autor lança mão da ironia, com o propósito de suscitar no interlocutor a reação ativa perante os fatos descritos e fazê-lo refletir sobre os efeitos de sentido produzidos pelos memes. Discursivamente, ele opera uma atualização da memória negativa sobre o professor como um sujeito que não dominava as tecnologias de informação e que passa a operar sobre esse meio de comunicação, visto que se trata de um requisito básico para o desenvolvimento do ensino. Essa mudança é contemporânea ao desenvolvimento dos meios de comunicação em massa, o que supõe que, em seu bojo, ela suporta alto fluxo de informações. E essa se consolidou como uma condição básica para o exercício da docência.

Publicado ao ano de 2020, na rede social *Facebook*, o meme *Todos pela educação* mostra a personagem Mafalda que, diante de uma placa, onde se lê “todos pela educação”, indaga se o governo está sabendo disso. Essa indagação provoca a comicidade do enunciado por sua característica de pergunta retórica, mas também satiriza a gestão das políticas públicas governamentais relativas à educação. A compreensão do sentido aí veiculado passa pela retomada de memórias a respeito do estado em que se encontrava o país em 2020: quando a Pandemia COVID 19 alcançava um estágio avançado e os veículos de comunicação e informação noticiavam 230.452 mortes. Por se tratar de uma doença viral altamente infecciosa, o distanciamento físico foi,

por vários meses, a principal forma de contenção ao avanço da doença. Com isso, atividades essenciais, como a educação e a saúde, por exemplo, sofreram alterações nos modos como se organizaram para atender às demandas oriundas da situação de pandemia. Assim, o questionamento da jovem emerge desse contexto, como forma de indagação, também, às estratégias de governo, no sentido de equalizar as condições de acesso aos alunos mais pobres, que não dispunham da tecnologia necessária para acompanhar as aulas *on-line*. Essa falta de recursos ocasionou um aumento de 171,1% de evasão de jovens no período circunscrito entre os anos de 2019 e 21, segundo levantamento feito pelo movimento ‘Todos pela educação’.

A seriedade tanto do problema pandêmico, quanto da evasão escolar é quebrada e se torna risível pelo excesso de sinceridade da personagem Mafalda que, ao fazer a pergunta ácida, desvela crítica à gestão governamental. O humor se constrói, então, a partir da sinceridade absurda da sua pergunta. A constituição discursiva desse meme, movimenta os dispositivos educacional e governamental, entrelaçados com o cultural, das tiras humorísticas de Quino. Como efeito de verdade, observa-se o professor assumindo sozinho as responsabilidades pelo processo educativo e o Estado se esquivando. Nesse ínterim,

Ao assumir sozinho o papel do ensino, por um lado, o profissional acaba vivendo uma rotina desgastante, por tentar sanar questões que não estão em sua alçada. Por outro lado, assume também sozinho a responsabilidade pelo resultado. É recorrente observar o quanto o discurso coloca em questão a eficácia da escola e do professor quando são expostos resultados ruins dos alunos em testes. Em termos de efeito discursivo, esse resultado é tratado como uma justificativa para desmerecer o trabalho do professor. Sabe-se que o processo comporta muitas outras variáveis além da qualidade da aula dada. Essas variáveis são da responsabilidade da família e do Estado, mas são apagadas no discurso (VICENTE; BAZZA, 2021, p. 2406).

As seqüências enunciativas analisadas indicaram que os discursos a respeito do professor que circularam, durante o contexto de pandemia, em redes sociais, constroem subjetividades negativas do docente e mostram, ao mesmo tempo, os percalços enfrentados por esse sujeito na execução de suas práticas no decorrer durante a pandemia, tais como insegurança, baixos salários, abandono do estado e falta de colaboração entre os membros da comunidade escolar. A respeito do ensino escolar, constatou-se que ele fora relegado a segundo plano, pois, apesar de sobrecarregado com questões novas e tendo de lidar com isso sem muito apoio, a tônica da discussão social que parece ter permanecido se refere à aprendizagem (ou não) em ensino remoto e à defasagem (ou não) oriunda desse momento.

Considerações finais

A análise empreendida demonstrou que o aparecimento e a circulação de um meme implicam, discursivamente, em uma atualização das redes de memória vinculadas ao referente, ao campo em que se insere, à materialidade em que circula. Isso porque, se tomado como um enunciado, a verdade discursiva produzida pelo meme se constrói em relação a um domínio associado. No caso específico dos memes que versam sobre o professor, compreende-se que sua função seja denunciar as condições de trabalho desse sujeito e debochar delas. Operando sobre os dispositivos midiático e fílmico, eles tematizam sobre as disparidades salariais entre profissionais docentes, retomando, pela via do humor, redes de memória engendradas pelas relações de poder e investindo-as de novos significados. Recorrentemente, a subjetividade docente posta em circulação na série enunciativa recortada apresenta o professor mal remunerado e sobrecarregado de tarefas. Contudo, por sua natureza humorística, há a possibilidade de a subversão prototípica do gênero se

sobressair e, como efeito de discurso, considerar o conjunto dos memes como forma de condenação das questões abordadas e, portanto, posicionar-se favoravelmente aos sujeitos docentes.

Referências Bibliográficas

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2007.

BAZZA, Adéli Bortolon. *Identidade(s) do sujeito masculino no programa humorístico sexo frágil*. 2009. Dissertação. Mestrado em Letras- Universidade Estadual de Maringá. Disponível em: <http://old.ple.uem.br/defesas/pdf/abbazza.pdf>. Acesso em: 13 out. 2022.

BAZZA, Adéli Bortolon. O professor em discurso: subjetividade e poder. *Heterotópica*. v. 4; n. 1, jan.-jun. 2022. p. 20-43. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/RevistaHeterotopica/article/view/64038>. Acesso em: 13 out. 2022.

BERGSON, Henri. *O Riso*. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

FACEBOOK. (DiogoAlmeidahumorista). Márcia nem cagar eu posso mais! 5. ago. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/DiogoAlmeidahumorista/photos/pb.100044512383285.-2207520000../2781093675504310/?type=3>. Acesso em: 02 out. de 2022.

FACEBOOK. (Professor Toninho Vespoli). E o salário ó, talvez? 22 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/toninho.vespoli/photos/a.569693389813937/3666149623501616/?type=3>. Acesso em: 05 out. de 2022.

FACEBOOK. Fãs de Venom. “Alguém sabe cantar o Hino Nacional?”. 8. mar. 2019. Disponível em: <https://m.facebook.com/FasDeVenom/photos/a.407978822557395/2319351654753426/?type=3>. Acesso em: 24 ago. de 2022.

FACEBOOK. Professor por vocação. Professor versão 2020. 7. mai. 2020. Disponível em: <https://m.facebook.com/professorporvocacao/photos/professor-vers%C3%A3o-2020-curta-ap%C3%A1gina-tamb%C3%A9m-no-instagram-professorporvocacao-pro/3298426766847653/>. Acesso em: 22 jul 2022.

FACEBOOK. RIA40tena Rede Internacional de Ações Coletivas. Ação: Memes na RIA40tena. 18. jul. 2020. Disponível em: <https://ar.facebook.com/108014230869800/posts/152652103072679/>. Acesso em: 5 jun. 2022.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do discurso*. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

- FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2002.
- FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault. In: FOUCAULT, Michel. *Repensar a política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. v. 6 Coleção Ditos & Escritos.
- FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos II*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: FOUCAULT, M. *Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade: ditos e escritos IX*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- FRANÇA, Thyago Madeira; VIEIRA, Wânia Gomes Mariano. Análise Discursiva dos memes sobre o sujeito professor. *Revista Triângulo*. p. 1-18, 2019. Disponível e: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/revistatriangulo/article/view/3821>. Acesso em 15 jul. 2022.
- FREUD, Sigmund. O Chiste e sua relação com o Inconsciente. In: *Obras Completas*. vol V. Rio de Janeiro: Estabelecimentos Gráficos Monte Scopus, 1959.
- GRABOWSKI, Gabriel. Ministro da Educação insulta professores. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/opiniaio/2020/10/ministro-da-educacao-insulta-professores/>. Acesso em: 24 mar. de 2022.
- GREGOLIN, Maria do Rosário Fátima Valencise. Michel Foucault: uma teoria crítica que entrelaça o discurso, a verdade e a subjetividade. In: FERREIRA, Ruberval; RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Um mapa da crítica nos estudos da linguagem e do discurso*. Campinas, São Paulo: Pontes Editores/Unicamp, p. 115-142, 2016.
- MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*, v. 25, p. 7-23, 1979.
- PINTEREST. Saudade de ser professora, né minha filha? Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/265501340520977342/>. Acesso em: 4 dez. de 2021.
- PINTEREST. Sou uma professora rica. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/792000284479524134/>. Acesso em: 23 ago. 2022.
- POSSENTI, Sírio. *Os Humores da Língua*. Campinas: Mercado de Letras, 2000.
- ROCHA, Regiane Cavalcanti Caldeira. *Projeto temático de gênero e a produção de leitura-réplica por meio do gênero discursivo meme: proposta didática para turma do sétimo ano do ensino fundamental*. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2020. Disponível em: <http://www.profletras.uem.br/imagens/regiane-cavalcanti-caldeira-rocha.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2022.
- SHIFMAN, Limor. Memes in digital culture. Massachusetts: MIT Press, 2013. In: SILVA, Raphael Alves; PERES, Flávia Mendes de Andrade e. *Imaginário coletivo e memes nas redes sociais digitais*:

o caso da Escola da Depressão. *Revista Educação em Questão*, [S. l.], v. 56, n. 50, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/14459>. Acesso em: 21 jul. 2022.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Uma introdução ao estudo do humor pela linguística. *DELTA – Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*. São Paulo, v. 6, n. 1, p. 55-82, 1990. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/travaglia/sistema/uploads/arquivos/artigo_uma_introducao_ao_estudo_%20do_humor_pela_linguistica.pdf. Acesso em: 10 ago. 2022.

VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

VICENTE, Caio Willians de Lirio; BAZZA, Adéli Bortolon. Os discursos sobre a desigualdade salarial na construção da subjetividade docente. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL LETRAS*, 4, 2021, Bacabal, *Anais*. p. 2398-2410. Disponível em: <http://conilufma.com.br/>. Acesso em: 15 mai. 2022.

Submetido em 30/03/2023

Aceito em 23/07/2023